

A RABECA

EDITOR E PROPRIETARIO — MANOEL VICENTE VENTURA

Redacção, Rua da Lagôa, 14

Anno I	Assignaturas	FOLHA BI-SEMANAL INDEPENDENTE	Publicações	N.º 44
	Cada serie de 10 n.ºs..... 100 rs. Fóra d'Evora..... 120 " Os originnes não se restituem.	Evora, 17 de outubro de 1897	Annuncios..... 20 rs. Comunicados..... 50 " Os assignatres têm abatimento de 30 %	

A RABECA é o jornal mais lido no Alemtejo.

A CRISE

CONSIDERAÇÕES

Nunca Portugal, esteve na situação em que hoje está, victima dos homens e do regimen que os tolera.

Todos fallam na crise, todos põem as mãos na cabeça, mas poucos, muito poucos, mesmo, fazem a mais pequena idéa das proposições extraordinarias que ella tomou.

O governo, não tem credito no estrangeiro, nem mesmo o possui em Portugal; vê-se obrigado a vender, empenhar, negociar—fazer concessões escandalosas, proteger magnates, elevar nullidades, para se sustentar nas cadeiras que tanto ambiciona.

A monarchia existente cahiu moralmente como ameaça, cahiu materialmente.

Um systema que tolera a podridão, o vicio, favorecendo a immoralidade, tem os seus dias contados.

Os homens, não o favorecem; os seus servilores são symbolos de oppressão, de má fé, de pouca vergonha.

Ninguém diz o ministro d'esta ou d'aquella situação; todos apontam o Mariano, o Emygdio, o Zé Dias...

Triste e muito triste.—lá para elles.

Se a situação em Portugal é esta, no estrangeiro não é melhor.

Em Hespanha, depois da morte do despota que tão celebre ficou com Montjuick, todos os magnates da monarchia se mordem, para apanhar o poder.

Na propria França a immoralidade campeia e os homens não são melhores.

Vê-se pois, que todos afinam pelo mesmo diapasão.

No meio de tudo isto, os partidarios políticos, guerreiam-se interiormente, depõem *chefs*, nomeam *generaes*; e todos os dias se faz isto, para se repetir no dia seguinte.

Eis a que chegou a sociedade no fim do século XIX—a uma junção de

DOIDOS, ESTUPIDOS E MÁUS.

Não se encontra outra tri-golla.

Os bons, os sinceros, os cren-tes que fazem?

Estão tem casa, pensando apenas na nova religião do Bem, na grande familia a Humanidade, no grande ideal A Justiça, levantada concepção que está acima da podridão dos partidos e da intriga dos *habeis chefs*.

Eis, o balanço moral da sociedade.

Tudo isto—significa podridão; v nhamas vassouras, varremos depressa, por causa da peste—que, apesar de tudo, já é bastante...

José do Valle.

NA CAIPORA...

A DECADENCIA

Fomos grandes e fomos poderosos! Metade do mundo foi nosso, quasi todo elle foi arrancado, como a forceps, do ventre dos Oceanos pela rapidez erea do braço luzitano. O nosso nome passando ainda alem da Taprobana—e se mais mundo houvera lá chegara—foi respeitado e decidido por todo o Oriente.

Um punhalo de portuguezes fizera prodigios innarraveis! Para os persas foi Portugal a *capital* da Europa.

Do promontorio agreste de Sages, açoitado em cheio pelas ventanias do sul, as azas brancas da alma portugueza tanto cresceram, tanto cresceram, que abriram affim o mundo inteiro.

Na frescata, meia duzia de monarchas ineptos ou estupidos sorriam com avidez leonina os fartos proventos que os nossos capitães arrancavam, entre chacinas e sangueira, dos paraizos da India. Os *fumos* do Oriente acabaram por cegar a parasitagem nacional. E a felicidade não dura sempre: *tout passe, tout casse, tout lasse...*

A natureza tambem cança; e os Albuquerque, e Pachecos, os Castros e Silveiras não são inexhauriveis.

Apoz um imbecil D. Manuel e um retrogrado João...; apoz um louco, epileptico e quichotesco D. Sebastião, e um demente e ajesu-tado Henrique, vem a praga devastadora dos Felippes, que consumma a nos-a ruina.

Nunca mais nos levantariamos!.. Depois é uma enfiada de iuteis ou devassos: João IV, o bragança, o cobarde reaccionario e sem dignidade; D. Afonso IV, um idiota arruaceiro; Pedro II, traste que não hesita em roubar a mulher ao irmão desthronado; D. João V, o dessificador, que sume millhões em conventos, tornando-os alcouces reues; D. José, um intriguista baixo; D. Maria, a disparatada *vilha-follense*, que demitte o Marquez; D. João VI, o cummulo, o estúpido, o burlesco D. João VI de tão picara memoria, que nos deixa um aborto incomprehensivel, o traidor D. Pedro, que nos rouba o Brazil e que de lá é escorraçado.

D'ahi por deante, uma miseria, um sudario, que causa nojo e compaixão.

E a actualidade portugueza, aquella energia de ferro, que fez de nós um povo de heroes, foi gravitando paulatinamente, incessantemente, á volta da imbecilidade da corte, para a derrocada geral.

E' á monarchia, a esta pulha monarchia, que devemos pedir contas da miseria que nos atola.

Hoje em Portugal só ha salvação possivel com a Republica, uma republica honesta, justiceira, que malhe onde é razão malhar. O desalento invade tudo e todos pasmosamente. Os *governos* succedem-se sem uma só vantagem, uma unica.

A jogatina financeira vae colorindo a nossa anemia economica, dando uns laivos de falsa saude ao estado putrefacto da nação.

A matulagem sevandija de politiqueros hybridos, erguidos a cobres pelo vivorio d'uma *«claque»* miseravel, assalta como esfaimados hydrophobos as ultimas borras azor-

rapados do pobre erario que ester-torisa nas vascas da bancarrota.

Misserrimo caído onde se acoltam seculares teias d'aranha, quantas vezes estremunhadas pelas mãos de pés de tardos malandrões, onde ha muito não a soma—como agua á foz dos *nadis* do deserto—o mais esburgado ochavo—o fabulado e lendario thesouro portuguez, *santo* sepulchro onde o ultimo tornozelo de Jesus se foi ha tanto nas mãos rapaces d'algun antigualheiro, fugio com os ciganos, apoz uma razia decisiva das quadrilhas governantes.

Governantes?!.. E' possivel que seja um involuntario insulto aos quadrilheiros da Portella—granjo-las e quejaundos—que se puzeram de ceva no suor dos 5 milhões de bacocos que os aturam.

Homens sem planos, sem ideal, sem programma e sem valor: eis todos os nossos *politicos* militantes.

Com o mesmo oriente, com a mesmissima feição, por toda a parte o amor da patria cede ao egoismo, á febre da chatinagem, ao furor da ladroeira. E' um espectáculo doloroso a degradação actual d'esta grande nacionalidade, tratada como horda de bancarroteiros e meliantes entre os povos honestos! E' desconsolador, é vergonhoso!..

Mas deixal os atropar janizaros e accumulal municipaes que lhes guardem o fulle. Afogae a onda de rapina que vos esfuzia o cerebro; farejae o que houver ainda de prestavel; organisae as malas; *apiflan-teae* as gambias e quando a hora suprema soar, é debandar como cães poltrões, de Lopus, oh cynicos Navarros, oh sordidos bandidos!

Que fazemos, entretanto? Quando vibrará essa *vespera siciliana* da redempção patria? Quando surgirá um homem que n'um formidavel e terramotico pontapé se abalance a pôr nos eixos este machinismo anarchico ou chloroformisado?

Será elle um producto da natureza e por is o hypothetico? O producto da situação e por isso iminente, infalivel? Talvez. Entretanto temos a fê inconcussa, e a consoladora esperanca de que virá:—*«Arcus nimis intensus rumpitur»*.

Aguardemos, pois, com ardor esse dia esplendido da nossa regeneração e preparemo nos para a lucta! Se já não pudermos ser grandes, sejamos ao menos honestos e respeitaveis. A pequenez digna facilmente o conseque; mas a dignidade hoje em Portugal só virá com a Republica.

Para correr a sucia tem de correr o sangue? E' preciso martyres, é preciso fogo, é indispensavel a revolução? Pois venha a revolução, que ella será bemdicta quando implantar n'esta pobre terra portugueza a luz da liberdade e do progresso!

Bairrada—10 de 97.

Thiago Ramires.

Syndicancia

(Continuação do n.º antecedente)

XI

Motivos e razões

Disse no meu ultimo artiguinho que, a minha syndicancia foi feita no **Hotel Eborense**, de baixo da direcção do sr. Sotto Mayor, e não na Direcção, aonde havia todos os elementos, porque assim convio ao syndicante & C.ª *Sotto Mayor!*

Vamos a ver tal foi a **imparcialidade** de que o sr. Manoel Augusto da Silva, o meu syndicante, usou em todos os seus actos que se relacionaram com o assumpto referente á minha pessoa, para assim mais facilmente chegarmos ao tal elogio!

Como já se sabe o meu syndicante chegou a esta cidade, no dia 24 d'agosto, me parece, e no dia 26 logo de manhã, me foi interrogar, lavrando-se o respectivo termo com todas as formalidades, etc.

Ora, o sr. Sotto Mayor, que depois de me ter mandado prender(!), nunca mais chegou ao pé de mim, apesar que dizia a toda a gente, que lhe fallava na minha pessoa:— **tenho muito dó do pobre rapaz, vou ver se o posso salvar...**, ainda que *aquelle Camara deu cabo d'elle!*... E' um homem impossivel, não deu tempo a nada?!... **Pobre rapaz!... tenho muito dó d'elle!**...

Note-se, isto dizia o sr. Sotto Mayor, áquelles que elle julgava capaz de lhe ir á mão, porque aos seus creados, **caixeiros** e a alguns cantoneiros, dava o sr. Sotto Mayor, **ordens terminantes**, para me voltarem as costas e para não me fallarem, fosse aonde fosse!!

Como já dizendo, o sr. syndicante, depois de se ter lavrado termo das minhas declarações, e de ter protestado a sua *amizade e muito dó*, que me votava, dirigiu-se á Repartição de Fazenda do Districto, aonde não encontrou carrascos, mas sim justiça e lealdade (o que publicamente e com regosijo, registou), retirando-se pouco depois a bastidores, isto é, para o *Hotel*, aonde o esperava o sr. Sotto Mayor, para saber o que *havia*, e como concordassem que as minhas declarações não *lhes* serviam resolveram irem os dous, no dia immediato, pedir-me para eu fazer um *aditamento*. N'este mesmo dia proseguiram os trabalhos de inquerição da testemunhas!

Quem julgam os meus amigos, que foram indigitados pelo sr. Sotto Mayor, para minhas testemunhas e a forma porque foram interrogadas para dizerem sobre o assumpto e sobre o meu comportamento? Vão ver.

Esta forma de inquerir e a sua *imparcialidade*, que é igual ao resto, é importante e tem muita *graca* para dizer: tão miseravel como tudo que se lhe segue!

1.ª—Manoel Maria de Carvalho: Como se chama?—Casado ou solteiro?

—Profissão?

—Apontador de 3.ª classe.

—Conhece o accusado, Carujo?

—Sim senhor.

—Então o que sabe sobre isto assim assim?

—Não sei coisa alguma.

—Deveras o sr. é apontador de 3.ª classe, com 400 reis diarios, e casado?!

—Sim senhor.

—Deve ter vontade de ser promovido a 2.ª classe, não é verdade?

—Oh! quem dera tal! Pedia logo a minha transferencia para Beja, para ficar mais proximo da minha terra!

—Sim! Então o que sabe ou o que se diz, sobre o alcance do Carujo?

—Muita coisa! Uns dizem que são duzentos, outros, que são oitocentos, outros, que é um conto e ainda outros, que são dois contos de réis! mas de positivo nada posso dizer.

—Com que então o *amigo* Carvalho, deseja ser de 2.ª classe?

—Justo!

—Faça o seu requerimento, para eu lh'o fazer despachar, quando voltar para Lisboa.

Ora, o pobre rapaz, casado e só com 400 reis diarios?! Fique certo que eu e aqui o *ex.º* sr. Sotto Mayor— **estava presente**

—vamos trabalhar para que seja despachado de 2.ª classe, em menos de oito dias!

—Muito obrigado!...

—Com que então **sabe** que o alcance do Carujo, é de dois contos de reis?

—Não senhor! O que eu disse foi: que assim como tenho ouvido dizer dois contos, tambem tenho ouvido fallar em duzentos mil reis e outras quantias ainda mais inferiores.

Isto custa a acreditar-se, mas é verdade!... Resta-me saber se esta testemunha, no dia immediato tambem fez **aditamento**?

Evora, 9-10-97.

Balthazar dos Reis Carujo.

(Continua).

CALOTEIROS D'A RABECA

Com este titulo vamos, no nosso proximo numero, inaugurar uma nova secção, que tem por fim avisar os nossos collegas para que não remetam jornaes aos figurões que aqui forem estampados os seus nomes e localidades.

Ha por cá *meninos*, que se tem *alambasado* com 30 e 40 numeros e a respeito de *masa*... Não tem tempo.

LISBOA

FABRICA DIANA

Cooperativa de produção dos operarios manipuladores de bolachas e biscoitos...

Inaugurou-se no domingo com toda a solemnidade de estylo, mais um baluarte que representa quanto póde e vale o povo trabalhador, quando unido e disciplinado dentro das suas associações de classe.

Vamos o mais resumidamente possivel dizer o que foi e representa aquella festa operaria.

Pelas 10 horas da manhã, todos os representantes da imprensa desceram á casa da machina, a convite do presidente da direcção, o nosso amigo Azedo Gnecco, iniciador da cooperativa Luzitana, e da nova fabrica industrial que em breve ia ser inaugurada, para abrir o vapor, e pôr todo o machinismo em movimento, para fabricar algumas bolachas, que deviam ser offerecidas a todos os assistentes, que eram em numero superior a 1:000.

Houve um momento de silencio, depois do qual o machinismo se foi agitando vagarosamente, e movimentando-se emfim, ligeiro, pondo toda a fabrica em movimento.

Um grito de applauso e entusiasmo echoou por toda a sala, soltando-se innumerous vivas ao partido socialista, a Azedo Gnecco, ao movimento operario e á Fabrica Diana.

Começou o trabalho, e mais uma fabrica ficou nas mãos do povo trabalhador.

Então grupos compactos de companheiros, se agglomeraram em redor das machinas, com grande interesse em ver como se fabricava a bolacha.

Onde o entusiasmo se transformou em delirio, foi quando saiu o primeiro taboleiro do forno, estrondeando por toda a sala palmas, vivas e outras manifestações de regosijo.

Quando se acalmaram os animos foram todos os representantes das associações de classe e de recreio, cooperativas, cirios civis, imprensa, centros socialistas, todos emfim quantos estavam presentes convidados a subir ao salão superior que é enorme e alumiado por 23 grandes janellas onde devia ter lugar a sessão solemne.

A mesa da presidencia er-

guida ao centro, tinha por fundo a grande chaminé do forno, enfeitada com flores e verdura, tendo no lugar de honra a faixa vermelha da Associação de classe dos manipuladores de bolachas e biscoitos. N'este momento o nosso amigo Azedo Gnecco subindo ao estrado convidou todos os circumstantes a deporem sobre a mesa os cartões das associações que representavam.

Em seguida pronunciou um brilhante discurso tirando á sorte um bilhete dos que estavam sobre a mesa para ver a qual dos delegados presente cabia a sorte de ir desfaldar a bandeira vermelha da nova fabrica industrial socialista.

Coube a vez ao delegado da Associação dos Carteiros que depois de puxar a adrine e soltar a bandeira ao vento nova saudação delirante resouu por toda a sala.

Seguiram se os brindes a todos que tiveram a felicidade e ventura de assistir a tão sympathica festa.

O presidente da direcção e iniciador da cooperativa dirigiu uma saudação ao pessoal da fabrica, terminando n'esse momento o trabalho, e sendo offerecido a todos que se encontravam na sala um delicado copo d'agua que constava de vinhos finos e bolachas VICTORIA fabricadas n'aquelle momento, encontrando-se ainda algumas bastante quentes.

Na sessão solemne que teve lugar ás 4 horas da tarde, usaram da palavra diversos oradores de movimento operario, sendo tambem assignado por todos o termo de inauguração da nova fabrica, e assim terminou uma festa verdadeiramente operaria, correndo tudo na melhor ordem.

Que todos auxiliem esta nova instituição que é do povo e para o povo, é o nosso mais ardente desejo.

—O nosso jornal tambem se fez representar n'essa importante manifestação.

—A nova fabrica industrial socialista dá aos operarios as 8 horas de trabalho.

A LUSITANA

Já tem na rua ao seu serviço 18 carros esta importante cooperativa socialista dos cocheiros e conductores da viação lisbonense.

Que os trabalhadores d'Evora vejam quanto pode a união do povo operario, d'entro das suas associações de classe e centros socialistas.

Palavras de Victor Hugo

(CONTINUAÇÃO)

Monstruosa sobreposição! Oh bispos, pares e príncipes! o povo é o padecente profundo que ri a superfície. Mylords, aqui vol o digo: o padecente sou eu.

Hoje sois vós que o opprimis, hoje apúpaes-me, mas o futuro é de gelo sombrio. O que é pedra torna-se onda; a apparencia solida transformá-se em submersão. E' apenas um rugido, e tudo se acabou. Ha de soar a hora em que a vossa oppressão seja despedaçada por um convulsionamento, em que aos vossos apupos responda um rugido. Esta hora já soou! pertence-lhes o meu pael essa hora de Deus chegou e chamou-se a Republica! expulsaram-a, mas apesar d'isso voltará. Emtanto lembraivos que a serie de reis armados de espada, foi interrompida por Cromwell armado d'um machado. Tremei. As incorruptiveis soluções approximam-se.

As unhas cortadas tornam a crescer, as linguas arrancadas levantam vô e tornam-se em linguas de fogo, dispersas ao vento das trevas e uivam no infinito; os que teem fome mostram os dentes ociosos. Os paraísos construidos sobre os infernos, cambaleiam. Padece-se e padece-se, o que está em baixo entreabre-se; a sombra pede para tornar-se luz e o reprobado vem então discutir o escollido; é o povo que chega, repitivol-o, é o fim que principia e a aurora afogueada da catastrophe, e eis aqui quanto contem este riso de que vós vos rides. Londres é uma festa perpetua. Pois seja! A Inglaterra é de um ao outro extremo uma acclamação. Sim! mas ouvil! Eu sou todo o que vós vêdes. Tendes festas é o meu riso. Tendes casamentos, sagrações coroações — é o meu riso. Tendes nascimentos de príncipes? é o meu riso! Tendes por sobre vós o trovão, é o meu riso.

O OUTRO PROLETARIO

Ha um proletario que mais receios nos causa que o operario, um proletario submettido a um senhor mais duro que a miseria. Este proletario é o soldado, submettido a este senhor, a disciplina. O que é o soldado? . . . trabalhador roubado á paz, um cidadão roubado á cidade, um filho roubado á familia. Elle tinha um campo, uma aldeia, uma villa, uma mãe, uma noiva, amores. Tudo lho roubaram. Roubaram lhe a vida, a juventude, a liberdade, a sua canção, a alma e o coração para servir de posto á artilheria. Um código detesta-

vel pesa sobre elle. Fuzilado por uma palavra, por um gesto, a arma, que traz abafa-lhe constantemente qualquer de-abrochada alegria. Não tem mais que um dever; obedecer; não tem mais que um direito: morrer.

O que proferis? sois os ultimos em França a defender a dictadura, ou os primeiros a proteger a liberdade de? O Chossepot entregou vós na mão uma arma que pode ser terrivel ou generosa.

O futuro tem varios nomes.

Para os fracos chama-se impossivel; para os temidos chama-se o desconhecido; para os pensadores e para os valentes chama-se o ideal.

O impossivel.

O desconhecido.

Pois o acabamento da miseria para o homem, da prostituição para a mulher, da ignorancia para a criança seria o impossivel.

Pois os Estudos-Unidos da Europa, livres e senhores cada um na sua individualidade, movidos e ligados por uma assembléa central, e communicando atravez os mares com os Estados-Unidos da America seria desconhecido.

Pois o que quiz Jesus Christo é o impossivel.

Pois o que fez Washington é o desconhecido.

Mas diz se-nos: E a transição e as dores do parto! e a tempestade da passagem do velho mundo para o mundo novo! um continente que se transforma! A bisarma d'um continente! imaginaes vós esta coisa medonha? a resistencia desesperada dos thronos, a colera das castas, a furia dos exercitos, o rei defendendo a sua lista civil, o padre defendendo a sua paga, o usurario defendendo o seu agio, o especulador defendendo o seu privilegio, que ligas! que luctas! que tempestades! que batalhas! que obstaculos! Preparai vossos olhos para verter lagrimas; preparai vossas veias para derramar sangue; parae, recuae. Silencio aos fracos e aos timidos! O impossivel, esta barra de ferro em braza, nós a morderemos; o desconhecido, essas trevas, nós lá penetraremos, e tu serás a nossa conquista, o ideal.

Viva a revolução futura!

AO TELEPHONE

Tlim, tlim.
—Quem está?
—O Zé da Mina.
—De qual Mina?
—A de S. Domingos.
—Quando chegou?
—Hontem.
—Volta outra vez?
—Não me falle n'isso. Fi-

quei farto de Mina até aos olhos. Não ha trabalho mais mal pago do que o do mineiro!
—Mas, o *Seculo* diz o contrario. Diz que ganham 500 e 600 reis por dia!

—O *Seculo* n'outros tempos não fallava assim. — Acha então o *Seculo* que o mineiro, ganhando 600 reis por trabalhar 12 horas por dia, á profundidade de 100 e 150 metros, é bem pago? O que o faz fallar assim são os bellos almoços que os seus reporteres vão papando em companhia dos monarchas como o ultimo a que assistiram no palacete do visconde de Pomarão, enquanto que os pobres mineiros comiam cá fora sardinhas e carapaus.

—Estavam muitos representantes da imprensa?

—Alguns. Mas, nenhum ainda disse que o jornal dos operarios e dos mineiros era mal pago. Podéra, com um almoço d'aquella ordem. . . Ouça o *menu* transcripto do *Seculo*:

Consomé, Impériale, Jerez, Gréves polignac, Mádere; Turbeau de solis garni, Sauterne; riz, garni á la portugaise, Bordeaux; suprême de perdreau aux truffes, Pommard; galantine de faisain á Montpensier, Rheno; sorbets, Mousseaux du Rhén; dindonneau sauce perigueux, Champagne; asperges en branches, Bucellas, Pudding á lord Mayor; Porto; printanier au Kirsk, glaces; Gateau á la mine de S. Domingos; moscatel, aougat aux pestaches, patisseries; dessert, café, liqueurs.

—Calle-se ahi, homem, que me faz crescer agua na bocca.

—Ora veja se com uns *petesquinhos* e uns vinhos d'esta ordem, se se pode dizer que os operarios ganham pouco. E com esta me retiro. Até depois.

—Saude seu Zé. Vá descansar.

Tlim, tlim.

—Quem falla?

—O Zé d'Evora.

—Estou sempre ás suas ordens. O que pretende?

—Venho dizer-lhe que, mais de vinte ruas e travessas estão intransitaveis e que seria bom que a camara lhes mandasse collocar umas taboetas prohibindo por ali o transito, para evitar desgraças pessoas.

—Já hontem por lá dei o meu passeio e vi que a chuva nos prestou um grande serviço, limpando toda essa immundicie que para ahi se via a cada canto, livrando-nos a pro-

videncia, de uma epidemia que nos estava eminente!

—Mas, se por esse lado, a chuva nos favoreceu, pôz a descoberto mais alguns centenaes de pegos alem dos muitos que existiam. O que farão elles agora?

—O mesmo que muitos senhores que nós conhecemos, que, quando a propriedade está toda em ruínas é que lhe mandam fazer obras.

—Então, pode dizer-se que foi uma chuva abençoada?

—Para os lavradores e para os municipales.

—Desconfio que não será ainda d'esta vez. Só se o nosso querido rei nos fizesse uma visita; e agora pouco lhe custava, visto estar com a mão na massa.

—Este anno, com certeza, não o temos cá.

—Pois se não fôr este anno, perca-lhe a esperanza de o ver no Alemtejo ou em qualquer ponto do nosso paiz.

—Porquê, vae para o estrangeiro?

—Falla-se n'isso.

Tlim, tlim.

—Quem é?

—O Zé das Novidades.

—Queira dizer.

—Ando na descoberta de uma grande cousa.

—Alguma mina?

—Para jornalistas ou *pamphletarios*, pode ser.

—Algum escandalo?

—E' dos maiores que n'estes ultimos annos teem apparecido.

—Chegue-m'ó ao bico da penna e verá como eu o faço correr mundo. Mas do que se trata?

—Trata-se nada mais nem nada menos, do seguinte: Ha no Alemtejo um Asylo de raparigas ás quaes inflingem castigos inquisitoriaes, chegando as méstras a fecharem as asy-ladas em quartos escuros, semanas inteiras. A comida é pouca e ruim, porque a directora come da casa e, já se vê que do melhor.

—Mas onde está installado esse Asylo?

—Caluda! Eu sei, mas você é muito linguareiro e podia transtornar-me as pesquisas que estou fazendo. Na quinta feira lhe contarei tudo por meudos.

—Não m'os poupe. A *Rabeca* cá está no seu posto para pôr a descoberto todas as patifarias de que os filhos do povo são victimas! Saude e ande ligeiro com isso.

ANNUNCIOS

Em casa particular recebem-se estudantes.
Bons quartos e mensalidade economica.
—N'esta redacção se diz.

**FORO DE 2\$000
VENDE-SE**

Imposto n'uma morada de casas na Rua das Alcaçarias, de que são emphyteuta os Condes da Serra da Tourega.
Tambem se vendem os foros já vencidos desde 1888.
A propriedade do foro vende-se por 26\$000, e os foros já vencidos 10\$000.
Para tratar com A. M. Alves.

**TANOEIRO
Eduardo Rodrigues**

Encarrega-se de trabalhos concernentes á sua arte. Preços rasoaveis.
Toma-se inteira responsabilidade pelos trabalhos executados n'esta officina.
88—R. dos Mercadores—88
EVORA

Questões sociaes

POR
JULIO AUGUSTO MARTINS
Vende-se em todas as livrarias do paiz.

FARREGIAES

Arrendam-se oito, situados entre as estradas do Espinheiro, Horta da Conceição e das Salvadas, a contar de 15 de Agosto de 1897. trata-se na Freiria de Baixo, n.º 20.

VACCA TAURINA

Vende-se uma, parida de mez e meio.
Muito mansa e muito leiteira.
Rua do Raymundo, 92 e 94.

TRESPASSE

Trespasam-se as officinas de carpinteiro de carros e ferreiro no Largo dos Mercadores.
Quem as pretender, pode dirigir-se ao seu proprietario.

OFFICINA de OUIVRES

DE
José Pereira Borges
(Antiga casa Leal — ourives)
Rua da Sellaria, 21 Evora

N'esta officina aceita-se qualquer obra para concertar ou fazer de novo, em ouro, prata, plaquet, christofle, zinco, relógios, leques boquilhas, etc.

Ainda que haja collegas que dizem que só no Porto ou Lisboa se fazem certos concertos, esta casa encarrega-se dos mais difficeis que possam apparecer.

Trabalha-se em azeviche e coral, oxida se prata e aço; Doura-se e pratea-se.

AO POVO D'EVORA

Continúa aberto o antigo talho da Praça de D Manuel.
O povo encontrará sempre n'este estabelecimento carnes de 1.ª ordem, de gado manso.

VENDE-SE

Um peneiro em bom estado e um carrinho de molas.
*Rua do Cano n.º 5
EVORA*

OUTEIRO DAS VINHAS

Vende-se a pastagem para invernadouro de 400 ovelhas.
Para tratar com B. Mattos.

BIBLIOTHECA AMOROSA

E' uma nova collecção de contos engraçados, estylo realista, suave, transparente, sem vocabulos pornographicos. Cada volume, que consta de 32 a 64 paginas, impressas em bom papel assetinado e ornado com 5 bonitas gravuras, custa apenas 60 réis. Cada serie de 10 contos ou sejam 330 paginas e 54 gravuras, 500 réis.

VOLUMES PUBLICADOS

O sapatinho vermelho, Os prazeres de Luizinha, Delirios de prazer, Bem aventurados os mansos, A flôr das creadinhas, A alcova nupcial, Remedio para tristezas, Como se enganam os homens, Diabruras do priminho, Uma familia de carneiros, Por diante e por de traz, Recreios conventuaes.

Livraria Editora

DE
Francisco Silva

89—Rua de Santo Antão—01
LISBOA

QUINTA

Da Eufrosina, á Cruz do Papa-Pães, vende-se ou arrenda-se a quem melhor fiador offerecer, até ao dia ultimo do corrente.

N'esta redacção se diz com quem se trata.

ESTRELLA D'EVORA



N'este estabelecimento encontra-se o bom vinho e os bons petiscos variados.

Isclas á moda de Lisboa, ás quintas, sextas e sabbados.

Preços commodos, acceto e promptidão.

A' Estrella d'Evora!!

Rua do Mau Fôro 21.

Mestre popular

APERFEIÇOADO

O francez e o inglez sem mestre em 50 lições

Obra completa:
O Francez, sem mestre, em 50 lições.

Em publicação:
O Inglez, sem mestre, em 50 lições.

Brevemente:
O Italiano, o Allemão, o Russo, o Hespanhol

sem mestre, em 50 lições
Cada um d'estes idiomas forma um bello volume, de cerca de 500 paginas. Preço: **2\$000 rs.** cada volume.

Assignatura permanente aos fasciculos semanaes de **80 réis.**
EM PUBLICAÇÃO:

Os Desterrados da Ilha de Barra
celebre romance historico

Um fasciculo semanal (16 pag.) **40 rs.**—Uma gravura **10 rs.**

A sede da Empreza é na Traversa dos Remedios, 5.-2.º (ao caminho de ferro)—**LISBOA.**

FABRICA DE

LADRILHOS EM MOSAICO

DE

Francisco Damaso da Fonseca Varella

Grande variedade de desenhos em todas as côres. Preços mais baratos do que nas fabricas de Lisboa.

Rua das Alcaçarias n.º 1

EVORA

Minerva Eborensis de J. J. Baptista.—Praça de D. Pedro, 25—Evora.

Anno I

N.º 44

A RABECA

Folha bissemanal, litteraria e independente

EDITOR E PROPRIETARIO, MANUEL VICENTE VENTURA

Redacção e administração, Rua da Legôa, 14

Ex.º Sr.